



DESAFIOS FEMININOS NA PANDEMIA

Por Clene Barros - CPIF

Em tempos de pandemia, em que uma das medidas de proteção mais eficazes para se evitar a contaminação pela nova SARS-COV 2 é o isolamento social, que levou de volta aos lares grande parte dos trabalhadores do país, crianças e adolescentes em idade escolar, bem como as tarefas laborais, muito já foi pesquisado, demonstrado em dados estatísticos e refletido acerca do desafio que tem sido para as mulheres o acúmulo do teletrabalho com as atividades domésticas.

Pesquisas mostram que o isolamento social trouxe uma demanda extraordinária de tarefas domésticas, como cuidar de si, das crianças, da casa, da alimentação, dos deveres escolares, da saúde da família, das compras, da saúde coletiva, dos que ficaram doentes, dos que não podem se expor ao risco de contaminação, e que estes trabalhos entraram nesse cenário como tarefas eminentemente femininas.

Para a maioria das mulheres, da CEO de uma grande empresa àquelas que já trabalham em atividades domésticas, essa volta ao "ninho", que exigiu uma extraordinária disponibilidade do seu tempo em função do outro, pois muito trabalho existe dentro do lar e é essencial que seja feito. Passados já sete meses de políticas sanitárias e já implantadas em muitas regiões a flexibilização do isolamento, pode-se perguntar porque coube às mulheres suportar desproporcionalmente os impactos da pandemia e qual o saldo pessoal e social desse período. Esse momento único na história de muitas nações revelou, em pleno século XXI, que momentos críticos trazem à tona velhas questões de gênero e papéis sociais predestinados. Provou que existe, em todos os lares, trabalho doméstico somado ao trabalho reprodutivo e produtivo das mulheres.

Expôs ao mundo a tríplice condição feminina de profissional, mãe e cuidadora, e que a responsabilidade dessas duas últimas tarefas é natural e estereótipo feminino. Embora diante de todas as conquistas femininas, de ocupação do espaço público e social, a reclusão em seus lares destacou para o mundo que a imagem de mãe e cuidadora natural é uma identidade essencial da mulher, que o instinto e a técnica do cuidado são intrínsecos a sua natureza, que sacrifício e renúncia são próprios da condição feminina. Que a elas é creditada a aptidão natural ao assistencialismo.

Sabemos que a função maternal de gerar e cuidar dos filhos, principalmente em suas primeiras fases da vida, é função primordial da mulher, tendo em vista sua natureza biológica. A grande maioria das mulheres mães não foge a essa responsabilidade, muitas conciliam perfeitamente seus deveres de mãe ou colocam o trabalho em posição inferior à maternidade.

Ao longo do tempo, a sociedade patriarcal reforçou essa condição como uma profissão feminina, especialmente quando a infância ainda não era cientificamente acompanhada, ou seja, cabia às mulheres cuidarem empírica e instintivamente dos seus filhos. Hoje, sabemos que, passada a primeira fase do desenvolvimento infantil, há métodos, estudos e orientações que podem facilitar e possibilitar o cuidado das crianças pelos pais ou cuidadores externos à família, afinal a saída das mulheres para o campo do trabalho e vida social foi possível em parte à evolução dos cuidados infantis. No entanto, a volta ao lar propiciada pela necessidade de isolamento social mostrou que esses cuidados ainda retornam para elas naturalmente, como função que só por elas pode ser exercida.

Mesmo que comemoremos a ocupação feminina de postos de trabalho predominantemente masculinos, sendo elas juízas, advogadas, médicas, empresárias, diretoras, servidoras públicas, a visão paternalista da sociedade pensa o trabalho da mulher como extensão de sua função doméstica e que para essa função ela terá que voltar quando do retorno ao lar.

Certo é que nossa realidade não foi um retorno ao lar, mas transferência temporária de nossas atividades laborais para o lar, haja vista que nenhuma está em casa tão somente para os afazeres domésticos. Lembrando, ainda, que muitas continuaram trabalhando presencialmente por necessidade e sobrevivência e não pela carreira profissional, sem redes de apoio como escolas e creches. Então, somem-se ao trabalho produtivo/laboral tarefas como supervisão de alimentação, higienização corporal e do ambiente, gerenciamento de aulas online e de conflitos infantis, problemas comportamentais e emocionais, brincadeiras, distração, gerenciamento da saúde e prevenção, dentre tantas outras, mesmo para aquelas que contam com auxílio externo remunerado. Esses fatores tornam a mulher reclusa menos produtiva no trabalho, como bem mostram pesquisas facilmente acessíveis nas mídias e redes sociais, que também mostram que, em muitos lares, os homens assumem tarefas domésticas, mas conforme sua disponibilidade, como um auxílio periférico, quase sempre em forma de ajuda e não responsabilidade, pois mantêm seu espaço produtivo preservado, enquanto o das mulheres se mescla com interrupções por demandas domésticas e maternais.

Refletindo então sobre o saldo pessoal e social desse período, não há que se negar a urgente reflexão que como sociedade devemos fazer acerca da condição feminina que a pandemia descortinou para nós. Sim, mulheres têm o dom de se compadecer, têm sensibilidade, somos empáticas, devotadas e doamos ao outro um dos maiores bens da modernidade: nosso tempo. O cuidado é uma experiência transgeracional, todos fomos cuidados por alguém, ao longo da vida, que doou seu tempo, suas forças, que dormiu pouco e em sua grande maioria foram mulheres as protagonistas do ato de cuidar, com sua disponibilidade absoluta. Então, essa é uma condição inalterável da natureza ou ideários de comportamentos desenvolvidos e reforçados ao longo do tempo? Para as mulheres, tem sobrado uma carga mental de trabalho emocional bastante considerável, de lidar não só com suas emoções, mas com a de filhos, companheiros e parentes aos seus cuidados, já que todos estão ainda privados de momentos de descontração fora de casa.

O acúmulo de tarefas durante a necessidade de isolamento social mostrou que o papel da mulher na sociedade ainda é complexo. Mostrou que ainda há muitos desafios a enfrentar, especialmente a mulher mãe. Estamos preparadas para abdicar dessas tarefas? O quanto estamos seguras para dividi-las ou transferi-las ao outro, em especial aos homens? Teremos que nos tornar mais flexíveis, menos exigentes, menos perfeccionistas, mais tolerantes? Esperamos que o período pós pandêmico seja mais promissor. Pois a mulher sempre se transforma, se supera, rompe barreiras, embora esta seja sempre uma luta complexa, permeada de fatores pessoais, culturais, sociais e políticos.